



Veredas atemática

Volume 17 nº 2 - 2013

A negação sentencial em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX: considerações sobre implementação, transição e origem da estrutura [NãoVNão]

Vivian Canella Seixas (UFOP)
Mônica G. R. de Alkmim (UFOP)

RESUMO: No quadro da negação sentencial no Português Brasileiro (PB), este trabalho descreve e analisa as estruturas negativas sentenciais na Língua Portuguesa do Brasil (LPB) em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX. De uma forma mais específica, procuramos caracterizar a negativa [NãoVNão], tida como forma inovadora no PB. Quanto à implementação desta estrutura, o período em que ela aparece no nosso *corpus* é a 1ª metade do século XVIII. Quanto à sua transição, descrevemos o percurso no processo da mudança linguística: da estrutura [NãoV] para a [NãoVNão]. No que diz respeito à sua origem, testamos duas hipóteses de ordem semântico-pragmática, propostas por Biberauer e Cyrino (2009) e por Schwenter (2005). O arcabouço teórico-metodológico adotado foi a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972; 1994).

Palavras-chave: negação sentencial; português brasileiro; Língua Portuguesa do Brasil; estrutura inovadora [NãoVNão]

Introdução

A negação, considerada um universal linguístico, é tema de grande interesse de estudiosos da língua e se abre para múltiplas possibilidades de análises e de discussões, seja qual for o enfoque a ser adotado na investigação. E, além de ser um recurso utilizado em todas as línguas, sabe-se que cada uma delas apresenta suas estratégias particulares para expressar este fenômeno.

Nesse quadro, o Português Brasileiro (PB) é uma língua rica na expressão das negativas e, apesar do estudo dessas estruturas não ter sido um tema de grande interesse por

parte dos gramáticos tradicionais, muitos trabalhos sobre esse fenômeno descreveram as construções negativas utilizadas no PB, tanto em sincronias presentes, quanto em pretéritas.

Assim, este trabalho apresenta um levantamento feito acerca das negativas sentenciais na Língua Portuguesa do Brasil¹ (LPB) em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX. Além disso, apresenta considerações acerca da implementação, da transição e da origem de uma estratégia de negação presente no PB: a estrutura negativa sentencial [NãoVNão] que apresenta, concomitantemente, o elemento negativo *não* anterior e posterior ao verbo, como em “*Não* enganam *não*, primo².”.

Quanto à implementação da estrutura [NãoVNão], buscou-se investigar o período em que a mesma aparece em textos de autores brasileiros da LPB. Quanto à sua transição, buscou-se descrever o percurso no processo da mudança linguística: da estrutura [NãoV] para a [NãoVNão]. Por fim, esta investigação buscou testar duas hipóteses: uma proposta por Biberauer e Cyrino (2009), que diz respeito à origem da [NãoVNão], e a outra proposta por Schwenter (2005), que está relacionada ao contexto de uso desta estrutura.

Dentro desta perspectiva, na tentativa de comparar as estruturas negativas sentenciais de diversas línguas, Donadze (1981) e Schwegler (1983) tecem considerações sobre a forma negativa mais recorrente no PB, qual seja, [NãoV], tida como a forma canônica³, e a [NãoVNão], considerada por Schwegler (1983) como forma inovadora, por não estar presente no Português Arcaico. No entanto, esta afirmativa de Schwegler (1983), a de ser inovadora no Português Arcaico, é contestada por Alkmim (2001), pois a autora comprovou, através de um levantamento realizado em peças de teatro do século XVI até o XX, a presença da estrutura [NãoVNão] já no Português Quinhentista de Portugal, porém com poucas ocorrências e posterior não utilização. Um exemplo desta estrutura encontrada no Português Europeu (PE) é “*Nam* hei-de ir a França *nam*”, verificado na peça *Auto da Fama*, de Gil Vicente.⁴

Ainda, conforme Donadze (1981) e Schwegler (1983), a construção [NãoV] é encontrada em diversas línguas, tais como no Indo-Europeu, Latim, Português do Brasil e de Portugal, Espanhol, Romeno, Italiano, etc. Por sua vez, a construção [NegVNeg]⁵ é encontrada no Francês, Catalão, Ladino e dialetos do norte da Itália, como o Piemontês. O exemplo a seguir demonstra esta última estrutura:

(1) *No* ho sé *cap*. (Catalão)

(Ex. de SCHWEGLER, 1983, p.290)

¹ A língua escrita investigada nos séculos XVIII e XIX deve ser denominada desta forma, pois ainda não podia ser tratada como Português Brasileiro (Profª Drª Jânia Ramos, em comunicação pessoal).

² Exemplo retirado da peça de teatro *O Noviço*, do autor Martins Pena (1845).

³ Ao longo deste trabalho, e tomando como base os conceitos da Sociolinguística (TARALLO, 1986), os termos canônica (padrão) e inovadora (não padrão), são utilizados para fazer referência às estruturas variantes [NãoV] e [NãoVNão] em relação ao PB. Assim, é necessário mencionar que as variantes padrão são as que condizem com as prescrições das Gramáticas Tradicionais (GTs) e fazem parte do repertório linguístico de uma comunidade há mais tempo. Por sua vez, as variantes não padrão não são comumente descritas nas GTs e fazem parte do repertório linguístico há menos tempo.

⁴ Cabe mencionar que Alkmim (2001), neste trecho, contesta Schwegler (1983) ao afirmar que esta estrutura é inovadora no PE. Posteriormente, e ao longo de todo o trabalho, quando dizemos que estamos considerando a [NãoVNão] como variante inovadora (não padrão) estamos nos referindo à sua implementação no PB. O uso do termo “inovadora” aqui toma como base a teoria da Sociolinguística e vários estudos (e. g. RAMOS, 1997; CAMARGOS, 1998; ALKMIM, 2001; TEIXEIRA, 2012) que a tratam desta maneira.

⁵ Estrutura denominada Concordância Negativa (VITRAL, 1999), que possui o elemento *não* anterior ao verbo e um elemento negativo após o verbo, tais como *nada*, *ninguém*, *nenhum* e *nunca*. Um exemplo desta estrutura retirado do *corpus* investigado é “*agora não vai nada pelo não a ver emcaza*.”

Pode-se verificar, então, que há uma diferença entre o exemplo (1) de Schwegler (1983) e o exemplo⁶ a seguir:

(2) **Não** perguntei **não**, senhor.” (Obra literária: A Conquista, Coelho Neto, 1899)

A construção (1) apresenta elementos distintos para *Neg: no* antes do verbo e *cap* após o mesmo, enquanto no PB verifica-se a partícula **não** anterior e posterior ao verbo. Cabe mencionar que, dentre as línguas que utilizam a construção negativa com dois elementos, são poucas as que apresentam a repetição do mesmo item negativo, como o PB (SCHWEGLER, 1983). No âmbito das línguas que também apresentam a [NãovNãov], incluem-se: o Afrikans⁷, O Palenquero⁸ e o Espanhol da República Dominicana.

Cabe mencionar que, tendo em vista que poucas línguas apresentam a repetição do mesmo item negativo, como o PB, buscar a presença desse tipo de negação, a [NãovNãov], em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX, é tratar de um fenômeno raro.

Com relação ao PB, um ponto fundamental para o melhor entendimento das estruturas negativas é o que concerne à avaliação social e à história das mesmas.

Desse modo, em se tratando da avaliação social das construções, a [NãovV] é tida como a forma canônica e foi a que ocorreu em maior número no *corpus*. Por sua vez, a estrutura negativa [NãovNãov], exemplificada em (2), apareceu em menor número no *corpus* e sofre sanção por parte dos gramáticos tradicionais. O registro de atitude desfavorável ao uso da estrutura [NãovNãov] transparece na afirmação de que o uso de tal construção é “popular” e constitui uma evidência de que “a língua é o que é, e não o que queremos que ela seja.” (NUNES, 1945). O mesmo pode-se deduzir da afirmação de Carneiro (1957): “a negativa duplicada na frase ‘*Não* quero *não*’, em vez de ‘*Não* quero’, constitui a forma vulgar de expressão de todo brasileiro”.

Nesse quadro, na tentativa de descrever as estruturas negativas do PB e compreender a história dessas construções, muitos trabalhos foram elaborados por diversas correntes teóricas, tais como a Gerativista, a Funcionalista, a Sociolinguística Variacionista e a Pragmática.

Com relação à história da construção negativa [NãovNãov], algumas hipóteses foram formuladas acerca da sua origem, quais sejam: a) Hipótese do contato (HOLM (1988); BERNINI e RAMAT (1996); BAXTER e LUCHESSI (1997); BAXTER (1998)); b) Hipótese do enfraquecimento (SALLES FILHO (1980); FURTADO DA CUNHA (1996)); c) Mudança paramétrica (GONÇALVES (1994); MARTINS (1997)); d) Hipótese proposta por Alkmim (2001), na qual este elemento teria passado de enunciado completo, para constituinte da oração e e) Hipótese semântico-pragmática proposta por Biberauer e Cyrino (2009)⁹.

Assim, tendo em vista o que foi até agora considerado, os seguintes questionamentos mostraram-se pertinentes: “Que estruturas negativas sentenciais ocorreram nos textos dos séculos XVIII e XIX? A interpolação¹⁰ ainda estaria presente no século XIX? Quando ocorre a implementação da construção [NãovNãov] e como se dá a sua transição na LPB?”

⁶ Exemplo retirado do *corpus* editado por SEIXAS (2013).

⁷ Língua falada na África do Sul. (ALKMIM, 2001, p.4)

⁸ Crioulo falado em uma comunidade rural de El Palenque, na Colômbia. (ALKMIM, 2001, p.4)

⁹ As autoras apresentam como *nãov₁*, *nãov₂* e *nãov₃* o elemento negativo *não* nas seguintes posições, respectivamente. (a) A Maria *nãov₁/num* vai no teatro. ; (b) A Maria *nãov₁/num* vai no teatro *nãov₂*. ; (c) A Maria vai no teatro *nãov₃*.

¹⁰ Entende-se por interpolação “a utilização de diferentes tipos de constituintes entre o verbo e o clítico.” (MARTINS, 1994)

Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho foi descrever e analisar as realizações das negativas sentenciais na LPB em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX e, de uma forma mais específica, procurar caracterizar apenas a negativa [NãoVNão], tida como forma inovadora no PB.

Os objetivos específicos buscados foram:

- a) Catalogar e descrever as diferentes realizações das negativas sentenciais presentes no *corpus* analisado.
- b) Verificar se um processo de mudança se manifestou nestas estruturas no decorrer do tempo.
- c) Mostrar a correlação entre construções negativas e pontuação como índice de limite sintático/marcador de pausa, dentro da estrutura frasal.
- d) Investigar a implementação e a transição da estrutura [NãoVNão].
- e) Testar hipótese proposta por Biberauer e Cyrino (2009), referente à origem da estrutura [NãoVNão].
- f) Testar hipótese proposta por Schwenter (2005), referente ao contexto de uso da estrutura [NãoVNão].

1. Metodologia

1.1. O modelo teórico-metodológico

Tendo em vista que a estrutura [NãoVNão], bem produtiva no PB atual, é considerada pela literatura linguística uma forma variante da estrutura sentencial canônica [NãoV], e apresenta, de acordo com Schwegler (1983;1991); Ramos (1997); Camargos (1998) e Alkmim (2001), um perfil de mudança em progresso¹¹, a partir dos pressupostos da Sociolinguística, optou-se por utilizar a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972;1994) como arcabouço teórico-metodológico nesta investigação.

Tal escolha justifica-se pelo fato de a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972) ser considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição tanto da língua em uso, quanto dos processos que a tornaram o que ela é hoje. Além disso, pode ser utilizada para explicar como falam os indivíduos que pertencem aos diversos locais e grupos sociais em determinados momentos da história de uma língua.

O resgate da historicidade é um fator fundamental da visão sociolinguística, em que o objeto de estudo linguístico é um processo histórico de construção da língua. O retorno ao passado permite investigar a implementação e a transição de uma mudança linguística. (ALKMIM, 2001).

No plano sincrônico, o objeto do modelo variacionista é o estudo da língua falada em seu contexto real de uso, o que somente se faz possível a partir da fala espontânea, estilo em que o mínimo de atenção é dada à fala. Já no plano diacrônico, verifica-se um problema: a ausência de falantes da língua representativa de períodos passados. Faz-se necessário, então, analisar documentos representativos do período de tempo em estudo.

No que concerne à pesquisa diacrônica, é interessante mencionar que, segundo Chaves (2006), a investigação sobre o Português de tempos passados é uma importante fonte para se entender o PB hodierno, o que possibilita identificar estágios pelos quais a língua passou e, também, as peculiaridades dos falares das regiões. Além disso, a maioria dos trabalhos¹²

¹¹ Entende-se mudança em progresso como uma mudança não completada (LABOV, 1972).

¹² Há exceções, tais como: Alkmim (2001), Anjos (2000), Casagrande (1973) e Namiuti (2008).

linguísticos sobre as estruturas negativas considera apenas o tempo aparente¹³, sem investigar o fenômeno no tempo real¹⁴. Assim, a investigação do fenômeno nos séculos XVIII e XIX mostra-se importante, uma vez que complementar os estudos até hoje realizados.

Ainda nessa perspectiva, uma questão complexa, que já deu margem a muita discussão, é a utilização da modalidade escrita de uma língua nas pesquisas linguísticas, a fim de recuperar e descrever uma determinada fase desta língua. Para Preti (2000, p.61), os sociolinguistas não podem, nem devem ignorar o papel da língua escrita na análise dos hábitos linguísticos de uma comunidade, pois, de uma forma ou de outra, esta não perdeu sua ligação com a realidade falada. O autor afirma, também, que a Linguística, em grande parte de sua história, serviu-se de documentos escritos na falta de *corpora* gravados, chegando a reconstituir, às vezes, parte da língua falada de uma época¹⁵ através desses documentos.

Assim, a língua escrita pode apresentar pistas que nos levam a sugerir uma descrição para um dado fenômeno linguístico. Estes usos podem nos mostrar, por exemplo, o percurso de uma mudança (da [NãoV] para a [NãoVNão]), em que a forma inovadora, conforme as nossas observações, apresenta o ponto e vírgula e depois a vírgula para separar o segundo *não* da estrutura frasal. Pode-se entender o uso do ponto e vírgula como um sinal de pausa maior do que a vírgula (VERNEY, 1746 *apud* GONÇALVES, 2003) ou, ainda, como a separação de algo com sentido completo, ou seja, o fim do discurso e do texto (ROSA, 1994, p.74), corroborando hipótese de Alkmim (2001).

Além da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972), foram adotadas noções¹⁶ da Pragmática, tais como *pressuposição*, *denegação* e a noção de *velho no discurso*, uma vez que são necessárias para o entendimento das hipóteses testadas.

1.2. A amostra: constituição e caracterização

Para a realização da análise com base no tempo real, foi investigada uma amostra composta por textos¹⁷ de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX, quais sejam: correspondências privadas¹⁸ (cartas e bilhetes), jornais (correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais), peças de teatro e obras literárias em prosa (consideração dos diálogos). Também, foram determinados quatro períodos de tempo para a coleta dos dados: 1ª e 2ª metades do século XVIII e 1ª e 2ª metades do século XIX. O *corpus* da primeira metade do século XVIII é composto por uma peça de teatro. O *corpus* da segunda metade do século XVIII é composto por correspondências privadas, uma peça de teatro e uma obra literária. O *corpus* do século XIX é composto por correspondências privadas, correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais, peças de teatro e obras literárias.

¹³ Estratégia de pesquisa proposta por Labov (1994) onde se mostra viável captar mudanças em progresso através da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias (LABOV, 1972).

¹⁴ Quando se fala em tempo real, por exemplo, diz-se da análise de *corpus* de uma comunidade de fala através do tempo. (LABOV, 1972).

¹⁵ Um exemplo da reconstituição de uma língua falada é o Latim Vulgar, cuja fonte, entre outras, era composta por documentos escritos (PRETI, 2000, p.62).

¹⁶ A definição destes conceitos encontram-se na seção 3- Da origem.

¹⁷ Optou-se por esses tipos de texto, uma vez que, no período analisado, ainda não havia registro magnetofônico da língua falada. Assim, a representação de diálogos nas peças de teatro e obras literárias e a escrita menos formal das correspondências privadas e das publicadas em jornais e em editoriais são as formas que mais se aproximam da manifestação da língua falada do período que representam.

¹⁸ Estão sendo consideradas correspondências privadas as “correspondências entre pessoas que mantêm entre si um relacionamento – parentes próximos, amigos (PEREIRA DA SILVA, 1998, p.24).

Os textos foram encontrados nas seguintes fontes¹⁹:

- a) Museu *Casa do Pilar*:
 - Acervo Barão de Camargos – correspondências privadas dos séculos XVIII e XIX;
 - Acervo Jornais – jornais do século XIX.
- b) *PHPB-RJ* (website):
 - Correspondências privadas do século XIX;
 - Jornais do século XIX.
- c) *Corpus do Português* (website):
 - Peças de teatro e obras literárias do século XIX.
- d) *University of California* (biblioteca digital):
 - Peça de teatro do século XVIII²⁰.
- e) *Brasiliiana USP* (biblioteca digital):
 - Peça de teatro e obra literária do século XVIII.

1.3. A coleta dos dados

Os dados dos *corpora* foram analisados em quatro períodos de tempo: 1ª e 2ª metades do século XVIII, 1ª e 2ª metades do século XIX. A divisão dos *corpora* foi feita dessa maneira, uma vez que se pretendia retroceder o período investigado por Alkmim (2001), que descreveu um processo de mudança linguística envolvendo a [NãoVNão], utilizando textos dos séculos XIX e XX.

Assim, para a constituição da amostra, foram selecionadas:

- a) 65 páginas de peça de teatro da 1ª metade do século XVIII;
- b) 100 páginas de correspondências privadas da 2ª metade do século XVIII;
- c) 100 páginas de peça de teatro e obra literária²¹ (em prosa) da 2ª metade do século XVIII;
- d) 100 páginas de correspondências privadas da 1ª metade do século XIX;
- e) 100 páginas de correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais da 1ª metade do século XIX²²;
- f) 100 páginas de peças de teatro e obras literárias (em prosa) da 1ª metade do século XIX;
- g) 100 páginas de correspondências privadas da 2ª metade do século XIX;

¹⁹ Para a descrição completa das fontes, verificar a seção Referências – Corpora.

²⁰ *O Marido Confundido*, de Alexandre de Gusmão. Quanto ao ano da sua publicação, há controvérsias, pois as fontes encontradas afirmam que esta obra pode ser de 1713 (REVISTA DOM CASMURRO, 1945), anterior a 1719 (BRAGA, 1871) ou de 1737 (J. M. T. de C., 1841).

²¹ Os dados coletados das peças de teatro e das obras literárias foram computados juntos, pois foi considerado o discurso direto que ambos os tipos textuais apresentam.

²² Os anos anteriores a 1808 ficarão sem cobertura da análise, em se tratando de cartas publicadas em jornais e editoriais de jornais, uma vez que somente neste ano surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal a ser impresso no Brasil.

- h) 100 páginas correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais da 2ª metade do século XIX;
- i) 100 páginas de peças de teatro e obras literárias (em prosa) da 2ª metade do século XIX.

2. Descrição das estruturas negativas dos séculos XVIII e XIX

Na análise da amostra investigada, foram encontradas diferentes realizações de negação: (a) elemento *não* em diversas posições, quais sejam: pré e pós-verbal, pré e pós os clíticos e, ainda, como negação de constituintes, subdividindo-se em: negação de SPrep, de substantivo, de adjetivo e de advérbio; (b) quantificador pré e pós-verbal; (c) advérbios negativos; (d) conjunção *nem* e (e) preposição *sem*, como mostram os exemplos abaixo:

- (3) “*Não* quero ser descortes [...]” (Editorial de jornal, 1822) – [Nãov]
- (4) “Recebi. oSeu e Tudo oque’ Nele Diz naõ vão ospregos que’ osNaõ ha feiTos para. viagem.” (Carta, 1776) – [ClítNãov]
- (5) “pode Ser que agora naõ vai nada pelo *naõ* a ver em caza [...]” (Carta, 1776) – [Nãoclítv]
- (6) “[...] Vos pesso hê, que Logo Logo exzecuteis os Homens que.’ mepagué ou*naõ*, enaõ quero ametade.” (Carta, 1752) – [Não+Elipse]
- (7) “*Nao* exigimos, que entrem para o Ministerio membros da opposiçao; *nao*.” (Editorial de jornal, 1842) – [NãovNãov]
- (8) “Tem graça, *não* senhora!” (Obra literária, 1881) – [vNãov]
- (9) “[...] para. *nunca* perturbar [...]” (Carta, 1785) – [Advv]
- (10) “[...] que *ninguém* o entenda [...]” (Editorial de jornal, 1822) – [Quantv]
- (11) “[...] *nam* tinha *nenhum* todos tinham fogido.” (Carta, 1781) – [NegvNeg]
- (12) “[...] Ja da fazenda de *Vossa Maggestade nem* creyo [...]” (Carta, 1751) – [Nemv]
- (13) “[...] e *sem* fazer menção daquelles [...]” (Carta, 1796) – [Semv]

Assim, apurou-se um total de 3473 ocorrências nos séculos XVIII e XIX, como mostra a tabela a seguir:

ESTRUTURA	N° DE OCORRÊNCIAS				TOTAL
	séc. XVIII	%	séc. XIX	%	
[NãoV]	585	20,1	2324	79,9	2909
[NãoVNão]	1	3,1	31	96,9	32
[VNão]	0	0	4	100	4
[NegVNeg]	32	21,7	115	78,3	147
[AdvV]	17	13,1	113	86,9	130
[QuantV]	10	16,4	51	83,6	61
[NemV]	12	14,8	69	85,2	81
[SemV]	14	20,9	53	79,1	67
[Não+Elipse]	3	14,3	18	85,7	21
[Nem+Elipse]	1	6,2	15	93,8	16
[QuantNV]	1	20	4	80	5
TOTAL	676	19,5	2797	80,5	3473

Tabela 1 – Distribuição das estruturas negativas no *corpus* em função do tempo

Os dados mostram que foi encontrada uma porcentagem maior de negativas no século XIX (19,5% no século XVIII e 80,5% no século XIX). Apesar disso, é preciso cautela antes de afirmarmos que houve aumento de negativas de um século para outro, já que nossa amostra de textos é muito maior no século XIX. Desse modo, considerando tais ocorrências, observa-se que a estrutura [NãoV] é a mais frequente tanto no século XVIII (20,1%), quanto no século XIX (79,9%).

Uma vez que foram investigados textos de diferentes gêneros textuais²³ (correspondências privadas, diálogos em peças de teatro e em obras literárias e correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornal), serão apresentados na Tabela 2, a seguir, os resultados da distribuição das diversas estruturas negativas sentenciais em relação ao tipo de texto²⁴ e século em que ocorreram:

²³Uma questão muito importante foi a busca de textos que pudessem ter a autoria brasileira identificada. Este critério metodológico fez, então, com que a busca pelos dados se tornasse mais criteriosa e difícil. Tal fato, portanto, justifica a quantidade menor de páginas do século XVIII analisadas em relação ao século XIX.

²⁴Esses gêneros textuais foram selecionados, uma vez que, conforme Chaves e Moreira (2012), ao controlar o gênero textual e usando cartas de cunho pessoal e/ou peças de teatro/obras literárias, é possível encontrar a expressão da língua dos falantes de um determinado período de tempo, em uma situação de menor formalidade ou de formalidade reconhecida. A partir da utilização deste método, o linguista consegue reunir dados suficientemente representativos do vernáculo de uma determinada sincronia.

ESTRUTURAS	GÊNERO TEXTUAL									TOTAL
	SÉCULO XVIII			SÉCULO XIX						
	1ª metade	2ª metade		1ª metade			2ª metade			
	peça de teatro	corresp. privada	peça/obra lit.	corresp. privada	peça/obra lit.	jornal ²⁵	corresp. privada	peça/obra lit.	jornal	
[NãoV]	173	294	118	122	309	565	132	427	769	2909
[NãoVNão]	1	0	0	0	3	11	0	16	1	32
[VNão]	0	0	0	0	0	0	0	3	1	4
[NegVNeg]	17	14	1	18	12	30	4	23	28	147
[AdvV]	6	7	4	12	10	24	8	21	38	130
[QuantV]	5	4	1	1	3	15	1	13	18	61
NemV	2	6	4	3	3	25	9	2	27	81
SemV	2	12	0	2	1	17	1	7	25	67
[Não+Elipse]	1	2	0	0	3	6	1	2	6	21
[Nem+Elipse]	0	0	1	2	2	4	0	2	5	16
[QuantNV]	0	1	0	0	0	4	0	0	0	5
TOTAL	207	340	129	160	346	701	156	516	918	3473

Tabela 2 - Distribuição das estruturas negativas no *corpus* em função do gênero textual e do tempo

A análise da Tabela 2 mostra que, com relação ao século XVIII, as correspondências privadas da 2ª metade do século apresentaram o maior número de estruturas negativas, seguida pelo diálogo em peça de teatro da 1ª metade e, por fim, dos diálogos em peças de teatro/obras literárias da 2ª metade. Com relação à frequência das estruturas negativas, em primeiro lugar, como já mencionado, encontra-se a estrutura [NãoV] e, em seguida, a estrutura [NegVNeg], conhecida como Concordância Negativa²⁶, em diálogos de peças de teatro/obras literárias e em correspondências privadas. No que diz respeito ao século XIX, as correspondências publicadas em jornais/ editoriais de jornais apresentaram o maior número de estruturas negativas, seguido pelos diálogos em peças de teatro/obras literárias nas duas metades do século.

Face ao foco dado à estrutura [NãoVNão], é importante mencionar que a única estrutura ocorrida no século XVIII aparece em um diálogo de peça de teatro da 1ª metade deste século. Tal fato mostra-se interessante, uma vez que retrocedemos um século na identificação da [NãoVNão] em textos brasileiros – Alkmim (2001) encontrou este tipo de estrutura na 1ª metade do século XIX. Quanto ao século XIX, na 1ª metade, a estrutura [NãoVNão] teve 11 ocorrências em editoriais de jornal e em 3 ocorrências em diálogos de peças de teatro/obras literárias. Na 2ª metade do século, apareceram 16 ocorrências em diálogos de peças de teatro/obras literárias e apenas 1 ocorrência em editorial de jornal. Ela não apareceu em nenhuma correspondência privada, nem em correspondência publicada em jornal. Também no século XIX, em segundo lugar na frequência, encontra-se a estrutura

²⁵ Correspondências publicadas em jornais e editoriais de jornais.

²⁶ Conforme Vitral (1999), este fenômeno, que é representado pela estrutura [NegVNeg], ocorre no PB quando os quantificadores negativos, tais como *nada*, *ninguém*, *nenhum* (chamados por ele de *itens N*), aloca-se em uma posição pós-verbal, e exigem a presença da partícula *não* em posição anterior ao verbo.

[NegVNeg] (147 ocorrências), ocorrendo, preferencialmente, em editoriais de jornal e diálogos de peças de teatro/obras literárias.

A título de comparação, Alkmim (2001), em levantamento acerca das estruturas [NãoVNão], em um *corpus* composto por diálogos de peças de teatro dos séculos XIX e XX, encontrou 45 ocorrências da referida estrutura: uma na 1ª metade do século XIX e 13 na 2ª metade, e 12 na 1ª metade do século XX e 19 na 2ª metade.

Alkmim e Chaves (2005) também descreveram o uso da estrutura [NãoVNão] em um *corpus* composto por cartas pessoais dos séculos XIX e XX. Os dados apresentados pelas autoras apontaram um número bastante reduzido de [NãoVNão], pois foram encontradas somente 8 ocorrências. Mesmo assim, destas ocorrências, somente uma foi no século XIX, na 2ª metade.

Portanto, a comparação dos resultados aqui apresentados com o de Alkmim (2001)²⁷ e o de Chaves e Alkmim (2005) permite dizer que o *corpus* utilizado neste trabalho apresenta uma ocorrência da estrutura [NãoVNão] já na 1ª metade do século XVIII, o que só vai ocorrer nos dois *corpora* dos trabalhos acima mencionados no século XIX e, na maioria, na sua 2ª metade.

2.1 Análise da estrutura [NãoV]

Face a um dos questionamentos levantados anteriormente, qual seja, “A interpolação ainda estaria presente no século XIX?”, e que este tema envolve a [NãoV], serão feitos alguns comentários sobre esta estrutura.

Assim, bem como em outros estudos acerca da negação no PB, a estrutura [NãoV] foi a mais recorrente no *corpus* (2909 ocorrências). Verificou-se, no entanto, que o item *não* apareceu, ao longo do *corpus*, em posição anterior ou posterior a um clítico: [Não+Clít+V] e [Clít+Não+V]. A estrutura [Clít+Não+V] é conhecida como interpolação e apareceu, dentre as 2909 ocorrências de [NãoV], em 120 estruturas, como mostram os exemplos:

- (14) “Recebi. oSeu e Tudo oque’ Nele Diz não vão ospregos que’ osNaõ ha feiTos para. viagem.” (Carta de MG, 1776)
- (15) “E dadas as tres proclamaçoins na Sobredita freguezia *lhe naõ* ReZultou empedimento algu’ conocido nem o reverendo Parocho dela o sabia.” (Carta de MG, 1776)

2.1.1 Posição do item negativo e o fenômeno da interpolação

A interpolação, de acordo com Martins (1994), é “a utilização de diferentes tipos de constituintes entre o verbo e o clítico.” Além disso, conforme Vitral (2002) e Namiuti (2008), a interpolação era um fenômeno já presente no Português Arcaico e deixou de ser produtivo no século XIX. Ainda, conforme Said Ali (1956, p.23), o fenômeno da interpolação sai do sistema da língua no século XVII, restando apenas a ocorrência com alguns advérbios como *não, nunca e jamais*, quando se encontram na posição pré-verbal.

Nesse quadro, buscou-se investigar o uso na interpolação no *corpus* selecionado e verificar se ainda estaria presente no século XIX.

²⁷ Tanto Alkmim (2001), quanto Alkmim e Chaves (2005) não apresentam investigação no século XVIII.

Considerando o número total de estruturas [NãoV], 2909 em todo o *corpus*, foi necessário computar, para tratar o fenômeno da interpolação, apenas as estruturas que apresentavam clíticos, a saber, 601 estruturas nos dois séculos. Levando em conta, então, apenas as 601 estruturas com a presença de clítico, computou-se o total de 120 interpolações, isto é, 19,9% das ocorrências.

Na Tabela 3, a seguir, tem-se a distribuição da estrutura [NãoV] acompanhada de pronome clítico. Será apresentada, de forma esquemática, a estrutura [Clít+Não+V] (+interpolação), quando o clítico precedeu o *não*, e [Não+Clít+V] (-interpolação), quando o *não* precedeu o clítico:

ESTRUTURA	SÉCULO XVIII				SÉCULO XIX				TOTAL
	1ª metade		2ª metade		1ª metade		2ª metade		
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
[Clít+Não+V]	31	46,3	24	35,3	42	20,6	23	8,8	120
[Não+Clít+V]	36	53,7	44	64,7	162	79,4	239	91,2	481
TOTAL	67	100	68	100	204	100	262	100	601

Distribuição das ocorrências de estruturas com interpolação ([Clít+Não+V]) e sem interpolação ([Não+Clít+V]), em função do tempo

A Tabela 3 mostra, dentre o total de estruturas [NãoV] com presença de clítico (601 ocorrências), quantas apresentaram interpolação [Clít+Não+V] (120 ocorrências), e quantas não apresentaram a interpolação [Não+Clít+V] (481 ocorrências), com as suas respectivas porcentagens. Nesse sentido, a comparação dos dados mostra que o número de estruturas com interpolação diminuiu ao longo dos dois séculos, uma vez que, na 1ª metade do século XVIII, os dados apresentaram 46,3% de uso da interpolação e, na 2ª metade do século XIX, apenas 8,8%. Os dados mostram, também, que no século XIX a interpolação ainda estava sendo utilizada (20,6% na 1ª metade e 8,8% na 2ª metade).

A título comparativo, Namiuti (2008, p. 71) também apresenta dados sobre o uso da interpolação da negação [Clít+Não+V] (representado pela autora como “CLNV”) em textos de autores portugueses dos séculos XVIII e XIX. Os resultados obtidos pela autora mostram (de um total de 505 ocorrências da interpolação “CLNV” nos dois séculos) 360 ocorrências no século XVIII (194 na 1ª metade e 166 na 2ª metade). Já no século XIX foram somente 145 ocorrências²⁸. Portanto, é possível observar que nos dados de Namiuti (2008) (*corpus* do Português Europeu) houve, como no presente trabalho, queda da interpolação entre os séculos XVIII e XIX.

Alkmim e Chaves (2005) também investigaram o uso da interpolação, mas somente em correspondências privadas dos séculos XIX e XX. Diferentemente deste trabalho, as autoras não encontraram a interpolação no século XIX. E, curiosamente, apesar da literatura linguística afirmar que este fenômeno deixou de ser produtivo no século XIX, as referidas autoras encontraram 3 ocorrências no século XX.

Assim, visto que no PB atual estruturas com interpolação não são mais usadas (TORRES MORAIS, 1995), os dados distinguem nitidamente a LPB dos séculos XVIII e XIX do PB de hoje e apontam para a afirmação de Vitral (2002) e Namiuti (2008), de que esta

²⁸ Cabe mencionar que, apesar de Namiuti (2008) abordar o século XIX, ela não apresenta dados de interpolação [Clít+Não+V] da 2ª metade deste século.

estratégia deixou de ser produtiva na língua a partir do século XIX, ou, em relação ao nosso *corpus*, a partir da 2ª metade do século XIX.

2.2 Descrição da estrutura [NãoVNão]

Conforme apresentado anteriormente na Tabela 1, foram encontradas 32 negativas [NãoVNão] na amostra selecionada, como pode ser visto a seguir:

- (16) “**Não** he com as nossas pêssoas que o fasem, **não**; he com o nosso dinheiro.” (Peça: O marido confundido, Alexandre de Gusmão, 1ª metade do XVIII)
- (17) “**Nao** se pense que nós nos oppomos ao recrutamento; **nao** [...]” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1841)
- (18) “**Não** se persuada alguém que quando assim falamos temos em vista apoiar o assassinato; **não**: longe de nós tal Idea [...]” (Jornal: O Libertador, 1841)
- (19) “Ha de ficar a constituição sendo o joguete dos partidos e do governo; mas **não** é do que tenho medo; **não** [...]” (Jornal: O Libertador, 1841)
- (20) “[...] **nao** se entregue a sorte dos brasileiros aos belleguins; **nao** e derroque o edificio constitucional; **nao** se queira escravisar o povo brasileiro!!..” (Jornal: O Libertador, 1841)
- (21) “**Nao** exigimos, que entrem para o Ministerio membros da opposição; **nao**, **nao**.” (Jornal O Despertador Mineiro, 1842)
- (22) “Fazemos estas reflexoes, **nao** por desconhecer a autoridade da Realesa e menos presa-la, **nao**, **nao**: he antes por amarmo-la muito.” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1842)
- (23) “[...] **nao** porque o nosso partido **nao** tenha tantos e mais homens ricos, do que o vosso, **nao**, vos sabeis perfeitamente o contrario [...]” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1842)
- (24) “E isto **naõ** são vagas declamações – **naõ**.” (Jornal: O Progresso, 1842)
- (25) “Sim, homens desnaturados de Março! Das folhas do vosso Codigo reformado **naõ** fareis por certo, como cuidais, a mortalha da Liberdade: **naõ** [...]” (Jornal: O Progresso, 1842)
- (26) “**Naõ** he a separação das provincias, **naõ**.” (Jornal: O Progresso, 1842)
- (27) “Senhor, **não** creia V.M.I. que a assemblea provincial inventa fantasticos perigos, sonha males não existentes; **não**, senhor [...]” (Jornal: O Progresso, 1842)
- (28) “**Não** enganam **não**, primo.” (Peça de teatro: O Noviço, Martins Pena, 1845)
- (29) **Não** foi nada, **não** senhora. (Peça de teatro: O Noviço, Martins Pena, 1845)
- (30) “Mas pancadas de amor **não** matam, **não**.” (Peça de teatro: As desgraças de uma criança, Martins Pena, 1846)
- (31) “Pois **não** respondo, **não**.” (Peça de teatro : Uma véspera de Reis, Artur Azevedo, 1873)

- (32) “A pequena pulou de contente; **não** pulou, **não**?” (Peça de teatro: Uma véspera de Reis, Artur Azevedo, 1873)
- (33) “**Não** põe, **não**.” (Peça de teatro : Uma véspera de Reis, Artur Azevedo, 1873)
- (34) “A comadre é que **não** está muito parecida, **não**.” (Peça de teatro: Uma véspera de Reis, Artur Azevedo, 1873)
- (35) “E mostrar-te uma ferida que tenho... mas **não** te mostro, **não**.” (Peça de teatro : Uma véspera de Reis, Artur Azevedo, 1873)
- (36) “**Não** vem a propósito dizer-se que quem tem um olho na terra dos cegos é rei; **não**, de maneira alguma se pode dizer isso.” (Jornal: Ilustração Brasileira, 1876)
- (37) “**Não** desconfia **não**.” (Peça de teatro: Nova viagem à lua, Artur Azevedo, 1877)
- (38) “**Não** somos **não**, desajeitadas!” (Peça de teatro: Nova viagem à lua, Artur Azevedo, 1877)
- (39) “**Não** ouso **não**.” (Peça de teatro: Os Noivos, Artur Azevedo, 1880)
- (40) “**Não** sei **não** senhor, porque vim me embora.” (Obra literária: O Mulato, Aluísio Azevedo, 1881)
- (41) “Eu **não** sei, **não** senhô! (Obra literária: O Coruja, Aluísio Azevedo, 1887)
- (42) “Tu **não** vai mesmo, **não**, Toinho?” (Obra literária: Dona Guidinha, Manoel de Oliveira Paiva, 1892)
- (43) “Com meus pés **não** vou **não**, mulher.” (Obra Literária: Dona Guidinha, Manoel de Oliveira Paiva, 1892)
- (44) “Eu mesmo **não** vou **não**, cumade, que já tou munto mole pra estas cavalarias, mas porém tenho um discipo.” (Obra literária: Dona Guidinha, Manoel de Oliveira Paiva, 1892)
- (45) “**Não** tem, **não**, senhor.” (Obra literária: A Conquista, Coelho Neto, 1899)
- (46) “**Não** perguntei **não**, senhor.” (Obra literária: A Conquista, Coelho Neto, 1899)
- (47) “É mentira, **não** vou **não**.” (Obra literária: A Conquista, Coelho Neto, 1899)

Primeiramente, é preciso delimitar a sentença que contém a dupla negativa [**NãoVNão**] e observar como as duas partículas **não** estão distribuídas, isto é, se de forma linear, seguindo uma ordem natural dos constituintes, ou se aparecem separadas por alguma oração intercalada, ou se estão apenas distantes uma da outra.

Para exemplificar, apresenta-se o exemplo (16) da 1ª metade do século XVIII, aqui repetido para melhor visualização:

- (16) “**Não** he com as nossas pêssoas/ que o fasem,/ **não**; he com o nosso dinheiro.”

Têm-se aqui duas orações com a presença do primeiro *não* na oração principal e do segundo *não* após a oração subordinada.

A seguir, observa-se o exemplo (23) da 1ª metade do século XIX:

(23) “[...] nao porque o nosso partido **nao** tenha tantos e mais homens ricos,/ do que o vosso,/ **nao**, vos sabeis perfeitamente o contrario [...]”

A oração negativa, acima, possui uma estrutura complexa e longa, e apresenta, após o primeiro *não* e o verbo, um objeto direto, um elemento de comparação e, só após este elemento, aparece o segundo *não*.

Mais um exemplo pode ser aqui apresentado, o (18) da 1ª metade do século XIX:

(18) “**Não** se persuada alguém/ que/ quando assim falamos/ temos em vista apoiar o assassinato;/ **não**: longe de nós tal Idea [...]”

Este período possui também a estrutura complexa. O primeiro *não* se encontra na oração principal e o segundo *não* após duas orações subordinadas.

Como estes exemplos acima, que nos mostram uma certa distância entre os dois *nãos* da estrutura [NãovNãov], podemos ainda apresentar mais algumas estruturas da 1ª metade do século XIX, já exemplificadas anteriormente e, aqui, novamente repetidas:

(17) “**Nao** se pense que nos oppomos ao recrutamento; **nao** [...]”

(19) “Ha de ficar a constituição sendo o joguete dos partidos e do governo; mas **não** é do que tenho medo; **não** [...]”

(21) “**Nao** exigimos, que entrem para o Ministerio membros da opposição; **nao**, nao.”

(22) “Fazemos estas reflexões, **nao** por desconhecer a autoridade da Realesa e menos presa-la, **nao**, nao: he antes por amarmo-la muito.”

(25) “Sim, homens desnaturados de Março! Das folhas do vosso Codigo reformado **naõ** fareis por certo, como cuidais, a mortalha da Liberdade: **naõ** [...]”

Curiosamente, pode-se observar que as estruturas [NãovNãov], exemplificadas acima, apresentam os dois *nãos* em posições distantes um do outro e foram encontradas no século XVIII e na 1ª metade do século XIX (apenas um dado foi encontrado na 2ª metade do século XIX – cf. exemplo (36)). Tal fato nos faz suspeitar que a estrutura [NãovNãov] apresenta mudanças em sua configuração – primeiramente (século XVIII e 1ª metade do século XIX) a estrutura apresenta os dois *nãos* com uma certa distância um do outro, distribuídos em orações mais longas e complexas. Na 2ª metade do século XIX, no entanto, as estruturas [NãovNãov] apresentam-se de forma diferenciada das anteriormente mencionadas, isto é, têm a estrutura mais simples e os dois itens *não* encontram-se próximos, como mostram os exemplos (32), (33), (34), (37) e (39) (descritos na seção 2.2 - Descrição da estrutura [NãovNãov]).

Após a descrição das estruturas [NãovNãov], faremos considerações acerca da implementação e da transição da referida estrutura.

2.3 Da implementação

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968), a implementação está atrelada às causas/motivações da mudança: por que determinada mudança e, não outra, ocorre em um certo tempo e lugar? Assim, sob esse viés, procura-se identificar em que parte da estrutura social e linguística a mudança se originou.

Portanto, tratar um aspecto da implementação neste trabalho é tentar responder à pergunta: “Quando se originou a mudança?” Ou melhor, “Quando aparece a estrutura [NãoVNão] em textos de autores brasileiros da LPB?”

Para buscar um possível período para a implementação da estrutura [NãoVNão] em textos da LPB, foi feito, então, um levantamento para verificar em qual época ela aparece no *corpus* proposto (se já estava presente no século XVIII ou apenas no século XIX, como demonstrado por ALKMIM (2001) e CHAVES e ALKMIM (2005)).

Na tentativa de responder ao questionamento anterior, foram analisadas 865 páginas de textos (cf. seção 1.3 – A coleta dos dados) e dentre as 32 estruturas [NãoVNão] encontradas, têm-se:

- a) 1 estrutura em uma peça de teatro da 1ª metade do século XVIII.
- b) 14 estruturas na 1ª metade do século XIX (3 em peça de teatro e 11 em editoriais de jornais).
- c) 17 estruturas na 2ª metade do século XIX (16 em peças de teatro/obras literárias e 1 em editorial de jornais).

Para efeito elucidativo, a única estrutura [NãoVNão] encontrada na 1ª metade do século XVIII no *corpus* selecionado é a seguinte:

(16) “*Não* he com as nossas pêssoas que o fasem, *não*; he com o nosso dinheiro.”

Esta estrutura foi encontrada na peça de teatro *O Marido Confundido*, uma comédia do autor brasileiro Alexandre de Gusmão. Este dado se mostra de grande importância, pois o fato de a escrita já apresentar a variante tida como inovadora [NãoVNão] na 1ª metade do século XVIII, constitui uma indicação de que ela já estava implementada na língua e que fazia parte do Português Coloquial.

Chaves e Moreira (2012) corroboram a afirmação anterior, uma vez que afirmam que mudanças descritas a partir de dados escritos não se implementaram no período apontado, mas anteriormente, uma vez que inovações linguísticas tornam-se visíveis na escrita depois de bem aceitas na fala.

2.4 Da transição

Por transição, Weinreich, Labov e Herzog (1968) entendem a mudança de um estado da língua a outro. Ou seja, é o percurso de uma dada mudança. Assim, tratar a questão da

transição neste trabalho é tentar responder à pergunta: “Quais mudanças intermediárias podem ser observadas entre quaisquer duas formas de uma língua em diferentes momentos?”.

Cabe mencionar que Alkmim (2001) descreveu, através da análise de textos de autores brasileiros dos séculos XIX e XX, um percurso para a mudança que envolve as estruturas [NãoV] e a [NãoVNão]. Conforme a referida autora, em um primeiro momento, o segundo *não* era separado da oração por uma vírgula e, posteriormente, houve a queda da vírgula. E, uma vez que este trabalho retrocedeu um século em relação ao de Alkmim (2001), também analisamos as estruturas [NãoVNão] que ocorreram no nosso *corpus* no que diz respeito a sua transição.

A análise das estruturas no *corpus* mostrou que, na [NãoVNão], além do uso da vírgula para separar a oração da segunda partícula *não* (descrito por ALKMIM, 2001), usava-se também o ponto e vírgula. Em um total de 32 estruturas [NãoVNão], 7 foram marcadas com o uso do ponto e vírgula, o que representa 21,88 % das ocorrências. Tais ocorrências estão nos exemplos (16), (17), (18), (19), (20), (21), (27) e (36) (descritos na seção 2.2 - Descrição da estrutura [NãoVNão]).

É importante destacar, então, que todas as estruturas [NãoVNão], que apresentaram o ponto e vírgula para separar o segundo *não*, estavam presentes na 1ª metade do século XIX (salvo uma exceção – exemplo (36)). E, além disso, estas estruturas são mais complexas, longas e apresentam os dois itens *não* separados por certa distância.

Tendo em vista que verificamos a presença do ponto e vírgula, investigamos o uso deste sinal de pontuação nos séculos XVIII e XIX. Uma das obras utilizadas é a tese de Maria Carlota Rosa (1994), intitulada Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas, considerado um importante estudo acerca da pontuação diacrônica. Neste trabalho, a autora focaliza as relações sintáticas que foram assinaladas pela pontuação empregada em textos impressos da fase inicial do Renascimento em Portugal, que compreendem o final do século XV e os primeiros anos do século XVI (1495-1513). Para tanto, a autora também se baseia na descrição dos gramáticos e ortógrafos do período em questão. Apesar deste trabalho abranger o uso da pontuação em um período anterior aos séculos tratados por esta pesquisa, quais sejam, o XVIII e o XIX, é necessário destacar que tal uso poderia, ainda, estar influenciando a escrita do período aqui investigado.

Nesse quadro, conforme Rosa (1994), no que diz respeito à orientação que transmitia à fala, ao ponto e vírgula eram, também, denotadas características fonéticas, referente à transição da escrita, ou seja, para aquele que lia em voz alta, tal sinal indicava pausas cuja duração deveria ser mais demorada do que a da vírgula e menos demorada do que a do ponto final. No âmbito sintático, nota-se que, de uma maneira geral, que na descrição dos gramáticos do século XV e início do XVI, o ponto e vírgula assinalava sentido completo, ou seja, o fim do discurso e do texto. Por sentido completo, Rosa (1994, p.74) afirma que “pode ser compreendido como equivalente à noção de coesão, que a linguística da segunda metade do século XX redescobriu ao procurar ultrapassar os limites da sentença gramatical”.

O outro trabalho, que trata exatamente os séculos aqui investigados, é o de Maria Filomena Gonçalves (2003), *As Ideias Ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734 – 1911)*. Nele, Gonçalves (2003) evidencia que no século XVIII, além da pontuação como recurso de orientação para a fala, outra tendência era verificada: a progressiva intelectualização da escrita, tanto manuscrita quanto impressa, cujo uso se baseava, por um lado, na conformidade entre as novas práticas de escrita e de leitura visual, e por outro, na manifestação das mudanças operadas na concepção de texto, do período e da frase.

Nesse sentido, no âmbito sintático, o ponto e vírgula se apresentava como um pontema interior, ou seja, não era um sinal de abertura (como a vírgula) ou de fecho (como o ponto final), embora pudesse abrir ou fechar um segmento de extensão variável na frase, ou ligar duas ou mais frases. Era, portanto, considerado um pontema de ligação e de separação, simultaneamente e, conforme Verney (1746, p.53 apud GONÇALVES, 2003, p.203), “figurará onde a oração já faz algum sentido, mas não o basta para entender”, o que o associa a conceitos como o de proposição, período e sentido perfeito. Ainda, além do ponto e vírgula demonstrar que havia uma ligação entre as orações, o critério da extensão da sentença também determinava a sua utilização, pois seu uso dependia da existência de unidades de sentido mais ou menos extensas, visto que ocorria, no século XVIII, em alternância com o pontema dois pontos apenas em frases ou períodos mais longos (VERNEY, 1746, p.54 apud GONÇALVES, 2003, p.204). Posteriormente, no que diz respeito ao século XIX, a pontuação estaria mais atrelada ao serviço da clareza da relação das unidades do discurso do texto, tendo o critério sintático-semântico primazia em relação ao respiratório-pausal.

Assim, com base nestes trabalhos sobre pontuação, em suma, foi verificado que o ponto e vírgula, no que diz respeito à orientação que a escrita dava para a leitura, denotava uma pausa maior do que a vírgula e menor do que o ponto final. No âmbito sintático, além do uso do ponto e vírgula demonstrar que havia uma ligação entre as orações, ele dependia da existência de unidades de sentido mais ou menos extensas, visto que ocorria, no século XVIII, em alternância com o pontema dois pontos apenas em frases ou períodos mais longos (GONÇALVES, 2003). Esse fato talvez explique/justifique o uso desse tipo de pontuação em negativas [NãoVNão] mais extensas, em um período mais antigo de tempo.

A partir da explicitação evidenciada acima, pode-se verificar, portanto, que havia uma articulação da pontuação com a organização discursiva e sintática da sentença. Desse modo, o uso do ponto e vírgula em sentenças longas parece indicar que, em um primeiro momento, este pontema surgiu como um efeito retórico, para denotar uma pausa ainda mais longa do que a da vírgula.

Assim, uma vez analisados os dados e investigado o uso do ponto e vírgula nos séculos XVIII e XIX, foi possível propor etapas para um possível percurso no processo de mudança da [NãoVNão], que pode ser representado da seguinte maneira:

1ª etapa → [estrutura oracional] + não [...] (com o uso do ponto e vírgula):

(17) “**Nao** se pense que nós nos oppomos ao recrutamento; **nao** [...].” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1841)

2ª etapa → [estrutura oracional] + não [...] (com o uso da vírgula):

(41) “Eu **não** sei, **não** senhô! (Obra literária: O Coruja, Aluísio Azevedo, 1887)

3ª etapa → perda da vírgula:

(47) “É mentira, **não** vou **não**.” (Obra literária: A Conquista, Coelho Neto, 1899)

A partir da análise dos contextos explicitados anteriormente, bem como da investigação sobre o uso do ponto e vírgula nos séculos XVIII e XIX, foi possível propor hipótese sobre a transição da estrutura [NãoVNão]: *o uso do ponto e vírgula indica que havia uma pausa*

maior do que a da vírgula, quebrando uma unidade sintática da estrutura oracional, quando da implementação, na escrita, da estrutura sob análise.

Esta pausa mais longa pode explicar o fato de o segundo *não* não fazer parte da estrutura frasal e, posteriormente, ter sido gramaticalizado (conforme descrito por ALKMIM, 2001). E, além disso, pode-se verificar que o presente trabalho acrescenta uma etapa ao percurso da mudança proposto por Alkmim (2001).

Ainda, é importante frisar que se trata de uma hipótese, passível de comprovação estatística, o que, infelizmente, fica fora das possibilidades do presente trabalho.

3. Da origem

Conforme citado anteriormente, com relação à história da construção negativa [NãovNãov], algumas hipóteses foram formuladas, por diferentes correntes teóricas, acerca da sua origem. São elas:

1. Essa estrutura surgiu através do contato do Português com línguas africanas, caracterizando-se como um caso de “influência de substrato” – Hipótese do contato (HOLM (1988); BERNINI & RAMAT (1996); BAXTER E LUCHESSI (1997); BAXTER (1998)).
2. Essa estrutura é resultado do enfraquecimento do primeiro *não*, que fez com que aparecesse o segundo – Hipótese do enfraquecimento (SALLES FILHO (1980); FURTADO DA CUNHA (1996)).
3. Essa estrutura é resultado de mudança paramétrica (GONÇALVES (1994); MARTINS (1997)).
4. Essa estrutura é resultado da reanálise do item *não*. Este elemento teria passado de enunciado completo, para constituinte da oração - hipótese proposta por Alkmim (2001). Para a autora, o segundo *não* era um elemento que não fazia parte da oração. Posteriormente, foi incorporado (gramaticalizado), perdendo na fala, a pausa, e na escrita, a vírgula.
5. Essa estrutura, do ponto de vista sintático, apresenta uma partícula *não* final com a mesma realização fonológica de duas categorias distintas (*não*₂ e *não*₃), que ocupariam diferentes posições na estrutura sentencial, e do ponto de vista pragmático, enquanto *não*₁ desencadeia uma negação proposicional, *não*₂ e *não*₃²⁹ são descritos como marcadores de negação pressuposicional – hipótese proposta por Biberauer e Cyrino (2009)³⁰.

Considerando tais hipóteses, o presente trabalho tem como um dos objetivos testar o ponto de vista semântico-pragmático da hipótese proposta por Biberauer e Cyrino (2009), uma vez que as autoras apenas a apresentaram no trabalho *Appearances are deceptive: Jespersen's Cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance-based Creoles* e não a testaram.

Como já mencionado anteriormente, para estas autoras, enquanto *não*₁ ([Nãov]) desencadeia uma negação proposicional, *não*₂ ([NãovNãov]) é descrito como marcador de

²⁹ A estrutura *não*₃ ([VNãov]) não foi analisada no presente trabalho.

³⁰ As autoras apresentam como *não*₁, *não*₂ e *não*₃ o elemento negativo *não* nas seguintes posições, respectivamente. (a) A Maria *não*₁/num vai no teatro. ; (b) A Maria *não*₁/num vai no teatro *não*₂. ; (c) A Maria vai no teatro *não*₃. (Ex. de CYRINO E BIBERAUER, 2009, p.2)

negação pressuposicional, pois “estruturas contendo esse elemento “extra” (= *não*₂) necessariamente envolvem polaridade enfática, natural em negação enfática e contextos pressuposicionais.”³¹ (BIBERAUER E CYRINO, 2009, p.11).

Uma vez que Biberauer e Cyrino (2009) afirmam que a [NãoVNão] é natural em contextos pressuposicionais, para ajudar a entender a proposta das referidas autoras, é relevante a exposição que Pereira (2011) faz acerca de conceitos mais amplos de negação pressuposicional. Para a autora, Biberauer e Cyrino (2009) partem do conceito de negação pressuposicional como aquele presente, dentre outros, em Pescarini (s.d, p.21), segundo o qual a negação pressuposicional “pressupõe que alguém, no contexto comunicativo, espera que o estado de coisas negadas seja verdadeiro.”, e também em Poletto (2008), que utiliza a distinção entre negação padrão e negação pressuposicional, compreendendo esta última como marcadores negativos que podem ocorrer somente em certas condições pragmáticas relacionadas às expectativas do falante e do ouvinte.

Por fim, para Pereira (2011), a negação pressuposicional nega um pressuposto que pode não estar necessariamente explícito no discurso, mas pode ser inferido através de um gesto, por exemplo.

Ainda, a fim de complementar o conceito de negação pressuposicional, é interessante destacar a posição de Givón (1984). Para este autor, a negação pressuposicional é evidenciada através do ato de denegar que, diferentemente do assertivo, é usado para contradizer, corrigir, e não apenas informar. O que se nega é a correspondente afirmativa, a informação de fundo, que está, de certa forma, pressuposta. Ainda, se, no ato assertivo, um dos interlocutores acredita que o outro não sabe o que ele sabe, no de denegar o falante acredita que sabe melhor e que o ouvinte sabe errado.

Portanto, a fim de testar as estruturas [NãoVNão] e verificar se elas possuem as características propostas por Biberauer e Cyrino (2009), foi necessário analisar o contexto do discurso em que elas ocorrem. Conforme as autoras, a estrutura [NãoVNão] é uma negação pressuposicional. Assim, verificou-se se a [NãoVNão] ocorria quando havia uma denegação de uma pressuposição, ou não.

Foram encontradas 32 estruturas [NãoVNão] no *corpus* proposto, e estas foram analisadas, como pode-se ver nos dois exemplos a seguir:

³¹ Tradução nossa.

(48) Peça: O Noviço (1845) - Autor: Martins Pena

“FLORENCIA - Filhinho, hás de ser um fradinho muito bonito. JUCA, chorando - Não quero ser frade! FLORENCIA - Então, o que é isso? JUCA - Hi, hi, hi.. Não quero ser frade! FLORENCIA - Menino! AMBRÓSIO - Pois não te darei o carrinho que te prometi, todo bordado de prata, com cavalos de ouro. JUCA, rindo-se - Onde está o carrinho? AMBRÓSIO - Já o encomendei; é coisa muito bonita: os arreios todos enfeitados de fitas e veludo. JUCA - Os cavalos são de ouro? AMBRÓSIO - Pois não, de ouro com os olhos de brilhantes. JUCA - E andam sozinhos? AMBRÓSIO - Se andam! De marcha e passo. JUCA - Andam, mamãe? FLORENCIA - Correm, filhinho. JUCA, saltando de contente - Como é bonito! E o carrinho tem (...) JUCA - Primo Carlos! CARLOS, tomando-o no colo - Juquinha! Então, prima, tenho ou não razão? Há ou não plano? JUCA - Primo, você também é frade? Já lhe deram também um carrinho de prata com cavalos de ouro? CARLOS - O que dizes? JUCA - Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade. (Cantando) Eu quero ser frade.. (Etc, etc) CARLOS, para Emília - Ainda duvidas? Vê como enganam esta inocente criança! JUCA - **Não enganam não, primo, os cavalos andam sozinhos.** CARLOS, para Emília - Então? EMÍLIA - Meu Deus! CARLOS - Deixa o caso por minha conta. Hei de fazer uma estralada de todos os diabos, verão.. EMÍLIA - Prudência! CARLOS - Deixa-os comigo. Adeus, Juquinha, vai para dentro com tua irmã. (Bota-o no chão) JUCA - Vamos, mana. (Sai cantando) Eu quero ser frade.. (Emília o segue) CENA IX CARLOS, só - Hei de descobrir.”

A sentença “*Não enganam não, primo, os cavalos andam sozinhos.*”, é uma negação pressuposicional, pois denega uma pressuposição presente no trecho acima: a de que uma criança inocente, o Juca nesse caso, é enganada com a promessa feita pelo interlocutor Ambrósio, de receber um carrinho de prata com cavalos de ouro que andam, caso venha a ser frade. O personagem Carlos, vendo a inverdade dita à criança, de que os cavalos de ouro andam, faz o comentário “como enganam essa inocente criança”. Nesse momento da narrativa, o autor surpreende os leitores com a fala da própria criança, o Juca, que afirma através da estrutura [NãoVNão] que não foi enganado, que os cavalos andam sozinhos.

E ainda:

(49) Obra: Luzia Homem (1878) - Autor: Domingos Olímpio

“Vamos seu Belota - ordenou o sargento - Bote para fora o que sabe. Vamos que temos panos para mangas.. Belota, sempre cheio da intransigência das ameaças do sargento, acovardou-se e contou o caso, amenizando-o com disparatadas justificativas. Fora uma brincadeira de amigo, uma coisa à-toa, que terminara num bate-boca. - E aqui este mestre? Crapiúna olhava, de soslaio, para Belota. - Saberá vossa senhoria - respondeu este - que o seu Crapiúna não estava.. - Você está mentindo seu diabo.. - Quero dizer.. sim senhor.. **Não estava não, senhor..**- Veja bem o que está dizendo. - Não estava no.. no.. princípio; chegou.. quase no fim.. Mas, juro que não vi ele saltar o muro.. - Bom. Chegou no fim, hem?”

A sentença “*Não estava não, senhor.*” é uma negação pressuposicional, pois denega a pressuposição do sargento, presente no trecho descrito acima: a de que Belota estava mentindo para ele sobre o fato de ter visto Crapiúna pular o muro e participar da situação investigada. Belota, para não entregar Crapiúna e amenizar o caso, contraria esta pressuposição através do comentário “*Não estava não, senhor..*”, ao dizer que Crapiúna não estava presente no início da situação investigada pelo sargento e que somente presenciou o final, e jurar que o mesmo não havia pulado o muro.

A análise dos dois trechos mostra que as estruturas [NãoVNão] neles encontradas denegam uma pressuposição, assim como foi verificado nas outras 30 estruturas identificadas no *corpus* selecionado. Assim, os dados analisados dos séculos XVIII e XIX corroboram hipótese de Biberauer e Cyrino (2009) de que a estrutura [NãoVNão] é uma negação pressuposicional.

Considerando os vários trabalhos sobre as negativas no PB, tentamos ir além do proposto pela hipótese de Biberauer e Cyrino (2009) na nossa análise.

Como no PB é possível a ocorrência de três estratégias de negação ([NãoV], [NãoVNão] e [VNão]), muito se especulou sobre a existência de um processo de mudança envolvendo a posição do elemento negativo nas mesmas.

Alguns trabalhos sobre a negação sentencial, como Schwenter (2005), Cavalcante (2007, 2012) e Teixeira de Sousa (2012), já apontaram, além da questão pressuposicional, outras restrições sintáticas³² e propriedades semânticas e/ou discursivas que diferenciam as três estratégias. Estas restrições mostram que tais estruturas não estão relacionadas diacronicamente no PB, como prevê os autores que utilizam o Ciclo de Jespersen como explicação para as referidas estratégias (SCHWEGLER, 1991; FURTADO DA CUNHA, 1996).

Assim, vamos lançar mão das colocações de Schwenter (2005), que afirma que cabe à NEG2 ([NãoVNão]) a marcação do que é *velho no discurso* (explicitamente ativado ou inferível no discurso através de um gesto) e não apenas velho para os interlocutores.

Cabe destacar que, dentre o total de estruturas analisadas (32) juntamente com os seus respectivos contextos discursivos, 22 delas apresentaram a pressuposição como *informação dada* no contexto discursivo, como prevê Schwenter (2005). Dentre estas 22 estruturas que apresentaram informação dada (1 na 1ª metade do século XVIII, 8 na 1ª metade do século XIX e 13 na 2ª metade do século XIX), encaixam-se as que foram apresentadas nos trechos (48) e (49) evidenciados anteriormente.

As outras 10 sentenças (6 na 1ª metade do século XIX e 4 na 2ª metade do século XIX), diferentemente das estruturas [NãoVNão] que negaram uma *informação dada* no contexto discursivo, negaram uma informação que não foi dada no discurso, ou seja, uma *informação nova* (TEIXEIRA DE SOUSA, 2012) ou implícita para os interlocutores ou para os leitores (PEREIRA, 2011).

Teixeira de Sousa (2012, p. 98), diferentemente de Schwenter (2005), posiciona-se quanto à possibilidade da informação negada ser nova no discurso. Para a autora, a estrutura [NãoVNão] pode ocorrer em contextos onde *informação nova* é veiculada, ou seja, não necessariamente a informação tem que ser dada anteriormente no discurso, como pode ser observado no exemplo abaixo:

³² Para Teixeira de Sousa (2012) a principal restrição em relação à ocorrência da estrutura [NãoVNão] está em contextos narrativos, em que não há proposição, mas a sucessão de eventos, e em encaixadas temporais em que o Tempo Referencial está vinculado ao tempo da oração matriz.

(50) A: Tentei te ligar ontem, mas você não atendeu.

B: Meu celular *não* tá funcionando *não*.

(Ex. (46) de TEIXEIRA DE SOUSA, 2012, p.98)

em que a palavra “celular” ainda não fazia parte do discurso.

A seguir, tem-se um trecho encontrado no *corpus* do presente trabalho, que apresenta a negação de uma informação que não está dada anteriormente no discurso, acompanhado da sua respectiva análise:

(51) Jornal: Ilustração Brasileira, nº 11, vol. I - 01/12/1876

“Tenho passado algumas noites no Club, muitas no Cassino e na Campesina, e nunca encontrei tanta satisfação, tanta alegria, como naquelle deserto, no meio de daquella gente boa e amavel, simples e agradável, sem ostentação, sem orgulho, tal qual Deus a creou. **Não vem a propósito dizer-se que quem tem um olho na terra dos cegos é rei; não, de maneira alguma se pôde dizer isso.** Eu era dentre todos o mais instruido, porém não o melhor; cada um delles valia doze de mim.”

O trecho acima faz parte do conto *Os prazeres da roça*, publicado no editorial do Jornal *Ilustração Brasileira*. Este conto é sobre um homem chamado Nuno, que está viajando para uma cidade distante em busca da fazenda de seu amigo Octávio. Durante a sua viagem, vai parando em alguns lugares.

Assim, no contexto discursivo, o interlocutor está descrevendo o que viveu em um lugarejo, onde conviveu com pessoas simples, antes de chegar à fazenda. Há aqui uma quebra na fala do narrador e a introdução de um comentário na forma de um provérbio, contendo a sentença [NãoVNão] “*Não vem a propósito dizer-se que quem tem um olho na terra dos cegos é rei; não, de maneira alguma.*”. Esta sentença está denegando a informação apresentada pelo provérbio “*Quem tem um olho na terra dos cegos é rei*”, que, no entanto, não é evidenciada anteriormente no contexto discursivo.

Portanto, a sentença “*Não vem a propósito dizer-se que quem tem um olho na terra dos cegos é rei; não, de maneira alguma.*” apresenta uma característica diferente, qual seja, ela denega a pressuposição: quem tem olho na terra de cego é rei, que é compartilhada como conhecimento de mundo (*common ground* – STALNAKER, 1978) pelos interlocutores (o provérbio). Além disso, este provérbio não é *informação dada* no contexto discursivo.

Assim, após analisar todas as ocorrências de estruturas [NãoVNão] na LPB dos séculos XVIII e XIX e os seus respectivos contextos discursivos, foi verificado que, quanto às restrições semântico-pragmáticas para a realização da estrutura [NãoVNão], as 32 estruturas analisadas denegam ou contrariam uma pressuposição.

Portanto, o fato de todas as estruturas neste trabalho serem marcadores de negação pressuposicional corrobora hipótese sobre a origem da [NãoVNão], proposta por Biberauer e Cyrino (2009).

É importante mencionar que Biberauer e Cyrino (2009) não se posicionam quanto ao fato de a pressuposição ser evidenciada no contexto discursivo, ou ser um conhecimento implícito para os interlocutores. Tal posicionamento é exposto por Schwenter (2005), que propõe que a [NãoVNão] é licenciada quando a pressuposição é velha no discurso, ou seja, tem que estar evidenciada no contexto do discurso.

Tendo em vista que a nossa análise das estruturas [NãoVNão] da LPB corrobora hipótese proposta por Biberauer e Cyrino (2009) sobre a origem da [NãoVNão], buscou-se verificar, também, a título de complementação do nosso estudo, se algumas estruturas [NãoVNão] presentes em textos do PB atual são também pressuposicionais.

É importante observar que todos os exemplos da estrutura [NãoVNão] encontrados no PB atual foram, também, negativas pressuposicionais.

No entanto, Lima (2010, p. 26), em seu trabalho intitulado *A Negação Sentencial: uma abordagem pragmática*, apresenta um exemplo que se configura contrário à hipótese da estrutura [NãoVNão] ser pressuposicional:

(52) F: Não gostava de livro de história infantil. Sempre achava muito tolo. Mas [gostava]-gostava de ler gibi. Eu adorava. Tinha um monte. Vivia lendo isso.

E: Quais eram os tipos de gibi?

F: Ah, tipo Mônica, Pantera Cor de Rosa, adorava esses filmes tudo. Filminho de televisão da (falando rindo) Pantera Cor de Rosa, amava, como e continuo amando até hoje. Adoro. (risos) Mônica, Cebolinha, ah, essas estorinhas, assim, bem bobinhas: Pato Donald. Queria falar igual ao Pato Donald. (risos geral) (falando rindo) Queria imitar ele falando, mas não dava certo.

E: Nunca conseguiu?

F: Nunca consegui. Não tinha jeito. Aí ficava frustrada. (risos geral) É, coisas assim, né? **Mas de livro, livro não gostava não.**

(Ex. (40) de LIMA, 2010, p.26)

Conforme Lima (2010, p. 26), a sentença marcada em negrito no trecho acima é um caso de estrutura [NãoVNão] não pressuposicional. Uma vez que a interlocutora (F) já havia esclarecido que não gostava de livros de história infantil, a interlocutora (E) não poderia ter a crença que a interlocutora (F) gostava de ler esse tipo de livro. Assim, quando a interlocutora (F) utiliza a estrutura [NãoVNão], ela não está sinalizando uma contradição a uma crença da interlocutora (E). Cabe ressaltar que a autora apresenta somente um exemplo de [NãoVNão] não pressuposicional, mas a mesma afirma que, no *corpus* utilizado, muitas outras sentenças [NãoVNão] não pressuposicionais foram identificadas por ela.

Desse modo, verifica-se que o exemplo apresentado por Lima (2010) contradiz hipótese de Biberauer e Cyrino (2009), a de que estruturas [NãoVNão] sejam marcadores de negação pressuposicional. Por outro lado, se for considerado que Biberauer e Cyrino (2009, p.11) afirmam no mesmo trabalho que *não*₂ está integrado a uma estrutura que “necessariamente envolve polaridade enfática (natural)³³ em negação enfática e em contextos pressuposicionais”, é possível fazermos outra interpretação, qual seja, a de que a estrutura [NãoVNão] não é obrigatoriamente negação pressuposicional.

Teixeira de Sousa (2012, p.68) já havia se atentado para tal fato, pois afirma que, para as referidas autoras, [NãoVNão] não é marcador obrigatório de negação pressuposicional, assim como a [VNão] o é. Por esse motivo, ressaltamos que o uso da palavra “natural”, portanto, possibilita esta dupla interpretação e não deixa exatamente claro o posicionamento das autoras.

Como todas as estruturas [NãoVNão] encontradas nos *corpora* dos séculos XVIII e XIX eram pressuposicionais e é possível no PB atual encontrar [NãoVNão] não

³³ Grifo nosso.

pressuposicional (Ex. (40) de LIMA, 2010, p.26), pode-se pensar na hipótese de, em um primeiro momento na LPB, a referida estrutura ter surgido como efeito discursivo. Esse efeito permitia que os dois elementos negativos *não* fossem realizados em posições bem distantes na estrutura frasal, estando o primeiro *não* muitas vezes na oração principal e o segundo depois de duas orações subordinadas. Além disso, era comum o uso do ponto e vírgula, que parece indicar que, nesse primeiro momento, este pontema teria sido usado com efeito retórico, para denotar uma pausa ainda maior do a da vírgula, além de quebrar a unidade sintática da estrutura oracional, como ocorre no exemplo “*Nao* exigimos, que entrem para o Ministerio membros da opposição; *nao*, nao.” (Jornal: O Despertador Mineiro, 1842), e em alguns outros exemplos do *corpus*.

Com o passar do tempo, essa distância foi diminuindo e, na 2ª metade do século XIX, já se observam estruturas frasais curtas contendo os dois elementos negativos *não* (como em “*Não* ouso *não*.” – Peça de teatro: Os Noivos, 1880). É possível que, ao longo do tempo, esse caráter pressuposicional obrigatório da estrutura [NãovNãov] tenha deixado de ser obrigatório e, com isso, esta estratégia de negação deixa de estar relacionada a questões discursivas. Assim, se as estratégias de negação [Nãov] e [NãovNãov] perderam a propriedade semântico-discursiva para fazerem a sua diferenciação, isso pode significar que elas tenham adquirido o mesmo significado e o mesmo valor de verdade, isto é, tenham-se tornado formas variantes (conforme WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

Portanto, muitos autores que trabalharam com o PB atual, flagraram as estratégias de negação [Nãov] e [NãovNãov] em uma segunda fase de realização, qual seja, a do estágio da variação, deixando de abordar uma fase importante que foi a sua origem, provavelmente discursiva. Por esse motivo, é tão importante, nos estudos linguísticos, a volta ao passado em busca de dados para serem interpretados juntamente com o presente da língua.

Considerações Finais

Retomando o primeiro questionamento previamente formulado, qual seja, “Que estruturas negativas sentenciais ocorreram nos textos dos séculos XVIII e XIX?”, podemos dizer que foram identificadas as seguintes estruturas negativas sentenciais nos séculos XVIII e XIX: [Nãov], [NãovNãov], [VNãov], [NegvNeg], [Advv], [Quantv], [Nemv], [Semv], [Nãov+Elipse], [Nem+Elipse] e [QuantNV]³⁴. Dentre estas estruturas, é importante destacar que foram encontradas na amostra selecionada as estruturas negativas [NãovNãov] e [VNãov], tidas, de acordo com a literatura linguística, como formas inovadoras no PB.

Quanto ao segundo questionamento feito, a saber, “A interpolação ainda estaria presente no século XIX?”, podemos dizer que a interpolação ainda estava presente nos séculos XVIII e XIX. Apesar da sua presença nos dois séculos, verificamos uma significativa queda no seu uso na 2ª metade do século XIX.

Tendo em vista que o foco da pesquisa foi a estrutura [NãovNãov] e que os dados obtidos através da análise em tempo real demonstraram que esta estrutura ocorreu em textos dos séculos XVIII e XIX, é possível, responder, então, ao terceiro questionamento: “Quando ocorre a possível implementação da construção [NãovNãov] na escrita e como se dá a sua transição na LPB?”

Assim, no que diz respeito à implementação, o fato de, a partir da 1ª metade do século XVIII, a escrita já apresentar a variante tida como inovadora [NãovNãov], constitui uma

³⁴ Única estrutura não sentencial analisada.

indicação de que ela já estava implementada na língua, fazia parte do Português Coloquial e, quem sabe, já era sentida como uma marca do Português do Brasil.

Além disso, verificamos que, em 7 sentenças que continham a estrutura [NãoVNão], ao invés da vírgula, usou-se, também, o ponto e vírgula. Com base nos trabalhos sobre pontuação investigados, de uma maneira geral, foi verificado que o ponto e vírgula, no que diz respeito à orientação que a escrita dava para a leitura, denotava uma pausa maior do que a vírgula e menor do que o ponto final (ROSA, 1994; GONÇALVES, 2003). No âmbito sintático, além do uso do ponto e vírgula demonstrar que havia uma ligação entre as orações, ele dependia da existência de unidades de sentido mais ou menos extensas, visto que ocorria, no século XVIII, em alternância com o pontema dois pontos apenas em frases ou períodos mais longos (GONÇALVES, 2003). Esse fato talvez explique/justifique o uso desse tipo de pontuação em negativas [NãoVNão] mais extensas, em um período mais antigo de tempo.

Além disso, observamos que as estruturas [NãoVNão], que têm o ponto e vírgula, apresentavam os dois *nãos* em posições distantes um do outro e foram encontradas no século XVIII e na 1ª metade do século XIX (sendo apenas um dado encontrado na 2ª metade do século XIX – cf. exemplo (36)).

Tal fato nos faz suspeitar que a estrutura [NãoVNão] apresenta mudanças em sua configuração: i) primeiramente (no século XVIII e na 1ª metade do século XIX) a estrutura apresentava os dois *nãos* com uma certa distância um do outro, distribuídos em orações mais longas e complexas; ii) posteriormente, na 2ª metade do século XIX, no entanto, as estruturas [NãoVNão] apresentavam-se de forma diferenciada das anteriormente mencionadas, isto é, tinham a estrutura mais simples e os dois itens *não* encontravam-se próximos.

A partir da explicitação evidenciada acima, podemos verificar, portanto, que havia uma articulação da pontuação com a organização discursiva e sintática da sentença. Desse modo, o uso do ponto e vírgula em sentenças longas parece indicar que, em um primeiro momento, este pontema surgiu como um efeito retórico, para denotar uma pausa ainda mais longa do que a da vírgula.

Nesse quadro, a hipótese proposta pelo presente trabalho descreve o percurso da mudança linguística (da [NãoV] para a [NãoVNão]) em três etapas: 1) um primeiro momento em que o segundo *não* era separado da estrutura oracional por um ponto e vírgula; 2) no segundo momento, havia o uso da vírgula para separar o segundo *não* da estrutura oracional; e 3) por fim, houve a queda da vírgula. Ou seja, este trabalho acrescenta uma etapa anterior às etapas descritas por Alkmim (2001).

Com relação à investigação da origem da estrutura [NãoVNão], quanto às restrições pragmáticas para a realização da mesma, as 32 estruturas analisadas são marcadores de negação pressuposicional, o que corrobora hipótese proposta por Biberauer e Cyrino (2009).

Além disso, foi testada, a título de complementação do estudo das negativas, a hipótese de Schwenter (2005), que aponta uma propriedade semântico-discursiva para diferenciar as estratégias de negação [NãoV] e [NãoVNão], qual seja, cabe à NEG2 a marcação do que é *velho no discurso* e não apenas velho para os interlocutores. Assim, dentre o total de 32 estruturas negativas analisadas, 22 apresentaram a pressuposição como *informação dada* no contexto discursivo, como propõe Schwenter (2005). As outras 10 estruturas não apresentaram a pressuposição como *informação dada* e, portanto, concluímos, como Teixeira de Sousa (2012), que a estrutura [NãoVNão] pode ocorrer em contextos onde a *informação nova* é veiculada.

Por fim, em relação ao que os resultados do nosso *corpus* dos séculos XVIII e XIX nos mostraram, é possível que, ao longo do tempo, o caráter pressuposicional obrigatório da

estrutura [NãoVNão] tenha deixado de ser obrigatório e, com isso, esta estratégia de negação deixou de estar relacionada a questões discursivas no PB atual.

Negative Sentential Structures in Brazilian authors' texts of the 18th and 19th Centuries: Innovative structure in focus

ABSTRACT: In the framework of sentential negation in Brazilian Portuguese (BP), this study analyzed and described the occurrence of sentential negative structures in the Portuguese Language of Brazil (PLB), in texts of Brazilian authors from the 18th and 19th Centuries. In a more specific way, it focused on characterizing the negative [NãoVNão], taken as an innovative form in current BP. Regarding the implementation of the structure [NãoVNão], according to our data, we found that it appeared in the writing of the PLB in the first half of the 18th Century. Concerning its transition, we described the course of the linguistic change process: from the structure [NãoV] to [NãoVNão]. Regarding its origin, we tested two semantic-pragmatic hypotheses, one presented by Biberauer and Cyrino (2009) and the other by Schwenter (2005). The theoretical-methodological framework used was the Variation Theory (LABOV, 1972; 1994).

Key words: sentential negation; Brazilian Portuguese; Portuguese Language of Brazil; innovative structure [NãoVNão]

Referências

ALKMIM, M. G. R. de. *As Negativas Sentenciais no Dialeto Mineiro: Uma Abordagem Variacionista*. Belo Horizonte, 2001. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

BAXTER, A. M. O Português Vernáculo do Brasil. In: *América Negra: panorâmica actual de los estúdios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesa y criollas*. Frankfurt: Vervuert, 1998. p.72-137.

BAXTER, A. M.; LUCHESSI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da Língua Portuguesa no Brasil. In: *Estudos Linguísticos e Literários*, nº 19, Universidade da Bahia, 1997. p. 65-83.

BERNINI, G; RAMAT, P. *Negative Sentences in the Languages of Europe: a typological approach*, 1977. 254 p. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1996.

BIBERAUER, T.; CYRINO, S. *Appearances are deceptive: Jespersen's cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance based Creoles*. In: *Going Romance*, 23. Nice, 2009a. 19 p. (handout).

CAMARGOS, M. L. *Análise Variacionista de negativas sentenciais no Dialeto Mineiro*. Comunicação apresentada no XXVII GEL, S. J. Rio Preto, 1998.

CARNEIRO, N. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1957.

CHAVES, E. *Implementação do Pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Belo Horizonte, 2006. 273f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

CHAVES, E; ALKMIM, M. Variação e Mudança em estruturas negativas: cartas pessoais do século XIX e primeira metade do século XX. In: *Glauks* (UFV), v. 5, p. 81-93, 2005.

CHAVES, E; MOREIRA, J. Um Estudo da Implementação de Mudanças Sintáticas no Português Brasileiro: a análise de dados escritos. In: *Caligrama*. v. 17. n. 2, 2012.

DONADZE, N. Quelques remarques concernant les constructions négatives dans le langue romanes. In: *Quaderni di Semantica* 2, 1981. p. 297-301.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: Martelotta, Votre & Cezário (orgs.) *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. R. J.: Tempo Brás, 1996. p. 167-189.

GIVÓN, T. *Syntax: A functional-typological introduction*. Volume I. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GONÇALVES, F. M. R. *Negação frásica em Português: Caracterização sintática com referência ao processo de aquisição*. Lisboa, 1994. 349f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Lisboa, 1994.

GONÇALVES, M. F. *As idéias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734 – 1911)*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HOLM, J. *Pidgins and Creoles*. Vol. I e II. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. 255 p.

J. M. T. de C. *Collecção de varios escritos politicos e litterarios de Alexandre de Gusmão*. Porto: Typografia de Farias Guimarães, 1841. In: University of California [online]. Disponível em < <http://ia700507.us.archive.org/26/items/collecodevar00gusm/collecodevar00gusm.pdf>>. Acesso em: 07 de dez. 2011.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, L. S. *A negação sentencial: uma abordagem pragmática*. Porto Alegre, 2010. 36f. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARTINS, A. *Clíticos na História do Português*. Lisboa, 1994. 550f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras da Universidade Lisboa, 1994.

MARTINS, E. *Sentencial negation in spoken Brazilian Portuguese*. Washington: Georgetown University, 1997.

NAMIUTI, C. *Interpolação, colocação de clíticos e mudança gramatical na história do português europeu*. Campinas, 2008. 315f. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp, 2008.

NUNES, J. J. *Gramática Histórica do Português*. 3ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Ed., 1945.

PEREIRA, B. *A sintaxe cartográfica de 'lá' no português brasileiro: um estudo da periferia esquerda*. Belo horizonte, 2011. 256f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

PESCARINI, D. Presuppositional negation, modality, and the {addressee}. Padua Working Papers in Linguistics. n. 3. p. 22-28. Disponível em <http://www.maldura.unipd.it/ddlcs/working/PWPL3_pescarini.pdf>. Acesso em: 19 de out. 2011.

RAMOS, J. *A alternância entre "não" e "num" no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística*. UFMG, 1997.

REVISTA DOM CASMURRO. *Número especial de natal de 1945 – Tricentenário do "Illustre Théâtre" de Molière*. Edição do Serviço Nacional de Teatro, 1945. n.12 (Jornal Literário).

ROSA, M. C. *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas*. Rio de Janeiro, 1994. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1994.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa: estudos e observações*. 5 ed. [com prefácio de Serafim da Silva Neto; estabelecimento do texto, revisão, notas e índices por Maximiano de Carvalho e Silva]. Rio de Janeiro: Acadêmicas, 1956.

SALLES FILHO, A. *A negação em Vila dos Confins*. RJ: Tempo Brasileiro, 1980.

SCHWEGLER, A. *Predicate Negation and Word-Order Change – A Problem of Multiple Causation*. *Lingua* 61. 1983. p. 297-334.

SCHWENTER, S. *The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese*. *Lingua* 115, 2005. p. 1427-1456.

SEIXAS, V. C. *A Negação Sentencial em Textos dos Séculos XVIII e XIX: Estrutura Inovadora em foco*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto.

STALNAKER, R. Assertion. In.: P. Cole (Ed.) *Pragmatics: Syntax and Semantics*. v. 9. New York: Academic Press, 1978.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolingüística*. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA DE SOUSA, L. *Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no português brasileiro*. Campinas, 2012. 257f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012.

TORRES MORAIS, M. A. C. R. *Do Português Clássico ao Português Moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Campinas, 1995. 374 p. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas, Unicamp, 1995.

VITRAL, L. A interpolação de SE e suas conseqüências para a teoria da cliticização. In: *Revista da ABRALIN*. vol. 1, n. 2, p. 161-197, 2002.

_____. A negação: Teoria da checagem e mudança linguística. In: *DELTA*. vol. 15, n. 1, p. 57-84, 1999.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W & MALKIEL, Y. (ed.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-189.

CORPORA:

AZEVEDO, A. *O Coruja*. In: *Corpus do Português* [online]. 1887. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 22 de set. 2011.

_____. *Memórias de um condenado*. In: *Corpus do Português* [online]. 1882. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 22 de set. 2011.

_____. *O Mulato*. In: *Corpus do Português* [online]. 1881. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 22 de set. 2011.

AZEVEDO, A. *Os Noivos*. In: *Corpus do Português* [online]. 1880. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 22 de set. 2011.

_____. *Nova viagem à lua*. In: *Corpus do Português* [online]. 1877. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 22 de set. 2011.

_____. *Uma véspera de Reis*. *Corpus do Português* [online]. 1873. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 22 de set. 2011.

BARBOSA, D. C. *Descrição da Grandiosa Quinta dos Senhores de Bellas*, e noticia do seu melhoramento. Lisboa: Typographia Regia Silviana, 1799. In: *Brasiliana- USP* [online]. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00262500#page/2/mode/1up>>. Acesso em: 06 de dez. 2011.

_____. *A vingança da cigana: drama joco serio de hum so acto, para se representar no Real Theatro de S. Carlos, pela Companhia Italiana*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794. In: *Brasiliana- USP* [online]. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02246200#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 06 de dez. 2011.

COELHO NETO, H. M. *A conquista*. In: *Corpus do Português* [online]. 1899. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 23 de set. 2011.

J. M. T. DE C. *Collecção de varios escritos politicos e litterarios de Alexandre de Gusmão*. Porto: Typografia de Farias Guimarães, 1841. In: University of California [online]. Disponível em <<http://ia700507.us.archive.org/26/items/collecodevar00gusm/collecodevar00gusm.pdf>>. Acesso em: 07 de dez. 2011.

PAIVA, M. O. *Dona Guidinha do Poço*. In: *Corpus do Português* [online]. 1892. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 23 de set. 2011.

PENA, M. *As desgraças de uma criança*. In: *Corpus do Português* [online]. 1846. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 23 de set. 2011.

_____. *O Noviço*. In: *Corpus do Português* [online]. 1845. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 23 de set. 2011.

Fonte Primária Impressa

- Para a História do Português Brasileiro – RJ – Acervo de Jornais do Século XIX:

Gazeta do Rio de Janeiro (1808)

O Macaco Brasileiro (1822)

O Carioca (1833)

O Cidadão (1838)

- Arquivo Histórico do *Museu da Inconfidência* (anexo III – museu *Casa do Pilar*) – Acervo de Jornais do Século XIX:

O Despertador Mineiro (1841,1842)

O Libertador (1841)

O Progresso (1842)

O Universal (1845)

O Guerreiro (1853)

O Cruzeiro do Brasil (1864)

O Liberal de Minas (1869)

Ilustração Brasileira (1876)

Correio da Noite (1879)

O Aspirante (1894)

O Estado de Minas (1899, 1900)

Fonte Primária Manuscrita

- Arquivo Histórico do *Museu da Inconfidência* (anexo III – museu *Casa do Pilar*) – Fundo Barão de Camargos: Documentação pertencente à família do Barão de Camargos (1730 a 1898) – bilhetes, correspondências privadas e recibos.

Fonte Primária Transcrita

- BARBOSA, A; LOPES, C. R. *et alii. Corpus diacrônico do Rio de Janeiro: cartas pessoais – séculos XVIII-XIX.* Rio de Janeiro, UFRJ/PIBIC-CNPq/ Labor-Histórico, 2003 (versão eletrônica).
- AVELAR, J. *et alii. Corpus diacrônico do Rio de Janeiro: jornais – século XIX.* Rio de Janeiro, UFRJ/PIBIC-CNPq/ Labor-Histórico, 2003 (versão eletrônica).

Fonte Primária Eletrônica

- Para a História do Português Brasileiro - RJ
Disponível em <www.lettras.ufrj.br/phpb-rj/>.
- Brasiliana USP
Disponível em <www.brasiliana.usp.br/>.
- University of California
Disponível em <www.libraries.universityofcalifornia.edu/>.

Data de envio: 17/05/2013

Data de aprovação: 02/012/2013

Data de publicação: 15/04/2014